

A inclusão de alunos com TEA nas aulas de educação física pelo âmbito dos profissionais

The inclusion of students with ASD in physical education classes by professionals

Paulo Márcio Montserrat, Dayane Resende de Castro, Samantha Silva Leite,
Gleuber Henrique Marques-Oliveira

Centro Universitário de Formiga (UNIFOR), Formiga, Brasil

HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 11 junho 2021

Revisado: 28 fevereiro 2022

Aprovado: 03 maio 2022

PALAVRAS-CHAVE:

Autismo; Escola; Inclusão.

KEYWORDS:

Autism; School; Inclusion.

PUBLICADO:

27 maio 2022

RESUMO

INTRODUÇÃO: A educação inclusiva garante o direito de todo indivíduo ao ensino regular. A princípio, afirma-se que o TEA é um transtorno que afeta indivíduos de diferentes formas, de modo leve ao severo, além de déficits inesperados como na comunicação social, interações sociais e no comportamento. Dessa forma, nas aulas de Educação Física o professor deve proporcionar atividades corporais que possibilitem uma atitude de respeito, aceitação e solidariedade promovendo positivamente a inclusão.

OBJETIVO: O objetivo deste estudo centra-se em buscar informações sobre a inclusão de alunos com TEA nas aulas de Educação Física observando o âmbito do profissional, reunindo conhecimento que pode ajudar no trabalho do professor de Educação Física mediante a inclusão.

MÉTODOS: A pesquisa foi realizada por intermédio de métodos como revisão de bibliografia, com cunho exploratório privilegiando a plataforma Scielo e CAPES, com refino em trabalhos dos últimos cinco anos.

RESULTADOS: De acordo com os estudos encontrados na pesquisa, os profissionais de Educação Física, de forma geral, relatam dificuldades em trabalhar com alunos com TEA como falta de diagnóstico e formação inadequada apesar de reconhecerem a importância da inclusão e do papel do profissional no processo.

CONCLUSÃO: Infere-se, portanto, que muitos desafios abarcam a inclusão de alunos com TEA nas aulas de Educação Física e que o professor é a peça principal no processo, contudo existem o relato das dificuldades de trabalhar com o público supracitado. Logo, apontam a importância da formação continuada e assinalam que a troca de vivências e experiências entre os profissionais com alunos com TEA pode ser uma ótima ferramenta.

ABSTRACT

BACKGROUND: Inclusive education guarantees the right of every individual to regular education. At first, it is stated that ASD is a disorder that affects individuals in different ways, from mild to severe, in addition to unexpected deficits such as social communication, social interactions and behavior. Thus, in Physical Education classes, the teacher must provide physical activities that enable an attitude of respect, acceptance and solidarity, positively promoting inclusion.

OBJECTIVE: The objective of this study is to seek information about the inclusion of students with ASD in Physical Education classes, observing the professional scope, gathering knowledge that can help in the work of the Physical Education teacher through inclusion.

METHODS: The research was carried out using methods such as a bibliography review, with an exploratory nature, privileging the Scielo and CAPES platform, with refinement in works from the last five years.

RESULTS: According to the studies found in the research, Physical Education professionals, in general, report difficulties in working with students with ASD, such as lack of diagnosis and inadequate training, despite recognizing the importance of inclusion and the role of the professional in the process.

CONCLUSION: It is inferred, therefore, that many challenges encompass the inclusion of students with ASD in Physical Education classes and that the teacher is the main part in the process, however there are reports of the difficulties of working with the aforementioned public. Therefore, they point out the importance of continuing education and point out that the exchange of experiences and experiences between professionals with students with ASD can be a great tool.

INTRODUÇÃO

A educação se encontra interposta como um direito fundamental de socialização do indivíduo, uma vez que por meio da convivência, o ser humano adquire o conceito de cidadania, do bem querer ao outro e aumenta a bagagem de conhecimento mediante trocas de experiências (GONZÁLEZ; FONSECA; ANTÔNIO, 2020).

Seguindo essa premissa, temos a Educação Especial e Inclusiva, permeada de legislações que norteiam os aspectos pedagógicos envolvidos nesse contexto educacional, conforme direito previsto na Contribuição Federal de 1988, Declaração de Salamanca de 1994 e de modo mais recente, no Estatuto da Pessoa com Deficiência, Lei nº. 13.146/2015. Ademais, tem-se a Lei nº. 12.767/12 que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), considerando-o deficiente para todos os efeitos legais (BRASIL, 2012; BRASIL, 2015).

Nessa perspectiva, o ato de incluir traz a contribuição da evolução no ensino no que se diz respeito às diferenças, e mediante isto, se evidencia histórico de dificuldades de adaptação enfrentadas pelos professores, confirmando a necessidade de mudança, melhoria para que se possa valorizar as diferenças de cada estudante e respeitar o seu ritmo de aprendizagem (SILVA NETO et al., 2018).

Concomitantemente, o autismo ou Transtorno do Espectro Autista (TEA), afeta os indivíduos em graus diferentes, do leve ao severo, que podem apresentar características que interferem na comunicação social, nas interações sociais e no comportamento. Isso é ponto, pois apresentam inesperados déficits seja de comunicação ou comportamento social, sendo um conjunto de sintomas com especificidades contextuais e ambientais (OLIVEIRA et al., 2020).

Por esse motivo, o trabalho do professor de Educação Física se faz de forma essencial ao conhecimento das habilidades dos alunos com TEA e todo este trabalho deve ser realizado de forma preparada e motivada, desenvolvendo conteúdos estimulantes e criativos, adaptando-os aos diferentes níveis de aprendizagem e limitações de seus alunos (IAOCHITE ET AL., 2019).

Dessa forma, as aulas de Educação Física devem proporcionar atividades corporais que possibilitem uma atitude de respeito, aceitação e solidariedade. Logo, um fator que merece destaque, é em relação à situação atípica atual. Outrossim, desde 2019, o Brasil vive um momento de isolamento social como recomendação ao enfrentamento ao Novo Corona vírus, fazendo com que as escolas adotem novo método de ensino, de forma online, trazendo maior dificuldade para os alunos com deficiência quanto a acompanhamento e participação das aulas (PEDROSA; DIETZ, 2020).

Neste panorama, buscar preceitos que possibilitem a inserção de crianças com TEA nos ambientes escolares, pensando nesta volta presencial, oferecendo informações confiáveis que promovam evolução quanto ao ensino inclusivo e reforcem o efeito da Educação Física neste processo é de extrema importância, dito que o professor de educação física é o principal mediador desta interação podendo fazer a diferença no desenvolvimento do aluno com TEA (COSTA; NAKANDAKARE; PAULINO, 2018).

Não obstante, quais os desafios e perspectivas dos profissionais de Educação Física mediante a inserção de alunos autistas em atividades físicas nas escolas regulares? Diante deste questionamento, a pesquisa tem como objetivo buscar informações publicadas sobre a inclusão de

alunos com TEA nas aulas de Educação Física observando o âmbito do profissional, buscando informações e conhecimento que possam ajudar no trabalho do professor de Educação Física mediante a inclusão do dia-a-dia.

MÉTODOS

A pesquisa foi realizada no formato de revisão de bibliografia com cunho exploratório, permitindo maior familiaridade com o problema, aprimoramento de ideias e abordagem qualitativa. Este tipo de abordagem permite domínio do assunto de interesse após averiguação de interpretações diferentes das informações obtidas na literatura. A pesquisa privilegiou a plataforma Scielo e CAPES utilizando as palavras chaves: inclusão, autismo e escola.

Além disto, foram utilizados os termos inclusão “and” escola, educação física “and” inclusão e autismo “and” escola. Os critérios de exclusão foram artigos dos últimos cinco anos e da língua portuguesa para refino. Foram encontrados 47 artigos no total, em que se escolheu nove que se enquadravam melhor na temática proposta com datas mais atuais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontradas várias pesquisas publicadas sobre o tema em questão. Nota-se que, de forma geral, há grande dificuldade de incluir alunos com TEA em escolas regulares bem como nas aulas de educação física quando observa-se as literaturas. O estudo de Mello, Fiorini e Coqueiro (2019) investigou a percepção dos Professores de Educação Física sobre os benefícios da Educação Física escolar para o desenvolvimento do aluno com Transtorno do Espectro Autista. A amostra foi de 10 professores, com turmas do 1º ao 5º ano. A metodologia foi de questionário, mesma adotada na pesquisa de Borges (2019) também investigando sobre inclusão de TEA.

Mediante a análise dos resultados, os estudos assemelham-se ao fato de os professores saberem definir o TEA, e compreenderem a importância das aulas de Educação Física para o desenvolvimento geral do aluno, e, por isso procuram incluir os alunos com TEA para sentirem-se motivados e juntos aos demais colegas, porém algumas questões negativas foram citadas como a falta do diagnóstico do aluno, de apoio da escola e de conhecimento adequado dos professores sobre o tema.

Por isso, os estudos acima demonstram o grande desafio que a inclusão de alunos com TEA ainda enfrentam, mediante profissionais despreparados para atuarem na aprendizagem deste público e falta de diagnóstico. Esta mesma premissa, foi encontrada nos estudos de Schliemann, Alves a Duarte (2020). Os estudos assemelham-se tanto à perspectiva dos professores, quanto aos desafios da inclusão de crianças com TEA reconhecendo a importância, grande potencial da educação física inclusiva para proporcionar benefícios sociais mútuos aos alunos com e sem deficiência além de desenvolvimento e estímulo motor mas, também concordam quanto às atitudes negativas, que parecem estar relacionadas a um foco estreito em relação à filosofia de ensino, não ter planos detalhados de suas aulas e ausência de disciplinas de educação física adaptada na sua formação acadêmica, diagnóstico prévio do aluno e apoio da escola.

Em relação ao fortalecimento da ideia de importância do professor, o estudo de caso, Lima Miyashiro e Salerno

(2021), analisou as trocas nas aulas de Educação Física escolar entre um aluno com TEA com os outros alunos da turma sem deficiência. Os resultados apontaram que a interação direta entre os alunos com e sem deficiência ocorriam poucas vezes durante as aulas, a não ser com uma colega em específico com a qual o aluno possuía maior proximidade e, em todas as vezes, houve uma resposta positiva.

Neste sentido, o posicionamento da professora foi fundamental, o estudo constatou que as intervenções feitas por ela estimularam a interação entre os alunos. As suas solicitações para que os alunos sem deficiência auxiliassem o aluno com deficiência possibilitaram momentos de conhecimento, ensino e aprendizagem mútuos mostrando a importância do papel do professor.

Resultados semelhantes à perspectiva são encontrados em Ferreira, Leppaus e Braga (2018). Os autores ressaltam que pensar em práticas pedagógicas voltadas para a perspectiva da inclusão é um desafio que demanda um esforço coletivo e envolve os diferentes sujeitos do espaço escolar, acomodando diferentes estilos e ritmos de aprendizagem, modificações nas organizações, estratégias de ensino, recursos e parcerias com as comunidades.

As pesquisas assemelham-se ao posicionamento da escola que deve ser de atualização e reestruturação, para que o ensino se modernize e professores se aperfeiçoem, adequando as ações pedagógicas à diversidade das crianças. O mesmo foi encontrado por Silva (2020) com o estudo vivenciado em uma escola regular, no desenrolar do dia a dia com atividade física para alunos com TEA.

Isso é afirmado, pois ele apontou falta de conhecimento dos professores acerca da particularidade das deficiências e carência da escola em atender a heterogeneidade do seu público mas também verificou tentativas por parte do profissional de educação física para propor atividades adaptadas com uso de Tecnologias Assistivas (TA). É importante ressaltar que muitas das vezes o profissional está motivado, tem mesmo vontade de fazer um bom trabalho mas faltam-lhe contextos, conhecimentos e experiência.

Ainda se tratando de estudo observacional, Schlemberguer et al. (2017), relatou as atividades de inclusão nas aulas de Educação Física realizada com um aluno autista. A metodologia foi de observação do aluno nas aulas com a presença da mãe. O roteiro constou de foco no processo de inclusão na turma, juntamente com as dificuldades na realização das atividades e reorganização das mesmas, de modo que o aluno desenvolvesse suas potencialidades.

A mãe do aluno relatou que a inclusão nas escolas é boa, pois insere a criança autista com as crianças neurotípicas (normais), os dois aprendem, ou seja, o autista aprende com os colegas e os colegas também aprendem através da diversidade. Além disso, diz que a atividade física é muito importante, pois auxilia no desenvolvimento motor e também uma ótima oportunidade de interação porém, ainda falta um pouco de informação dos professores perante estes alunos. Outro fator importante é o acompanhamento do educador especial e monitor para aluno com necessidade especial, e ainda a importância na busca pelo professor em uma qualificação profissional para complementar o seu trabalho em relação ao aluno com TEA e a sua inclusão. Este estudo cita sobre o professor apoio, que deve acompanhar o aluno em todas as disciplinas, inclusive nas aulas de Educação Física, peça fundamental para sucesso no ensino aprendizagem sendo um elo importante de ligação e adaptação entre as disciplinas e profissionais envolvidos.

Este é um fato importante de ser falado. Mediante os

trabalhos publicados na literatura, muito tem sido escrito sobre a dificuldade de interação e socialização do aluno com TEA perante os professores e alunos, assim, o professor apoio pode tornar esse processo mais claro, de fácil adaptação. Mas, como dito nos trabalhos de De Mello, Fiorini e Coqueiro (2019), no estudo de Borges (2019) e Schliemann, Alves e Duarte (2020), no dia a dia, faltam diagnósticos atuais do aluno que impossibilitam a contratação de professor apoio até mesmo pela complexidade do transcurso, de seus diferentes graus.

Outrossim, em confronto com as informações de Lima, Miyashiro e Salerno (2021), tem-se o trabalho publicado de Flamea e Baretta (2018). A pesquisa investigou a percepção de professores de Educação Física acerca do seu trabalho com alunos com TEA sob a metodologia de questionário. Após a análise e tratamento dos dados os autores concluíram que os professores buscam ajuda dos colegas da turma no processo educacional, visto que quase 90% dos professores concordam que os alunos sem deficiência, acolhem os colegas com TEA nas aulas sem maiores dificuldades.

Os estudos encontraram perspectivas de resultado diferentes já que o estudo de Lima Miyashiro e Salerno (2021), apontou dificuldade de acolhimento pelos colegas de turma apontando apenas uma das colegas que se tornou mais próxima enquanto no estudo de Flamea e Baretta (2018), a maioria dos professores concordam que os colegas acolhem de maneira satisfatória o aluno com TEA. Esta informação pôde ser confrontada sendo resultados que se diferem talvez por se tratar de amostragem diferente.

Mediante as informações apresentadas pelas literaturas, é recorrente o despreparo e falta de conhecimento de profissionais de educação física no trabalho com alunos que apresentam TEA. Sobre esta perspectiva pode-se observar o estudo de Faria, Harnisch e Borella (2021). O estudo investigou se professores de Educação Física realizaram ou estão realizando formação continuada com foco no trabalho com alunos com deficiência. A amostragem foi de 101 professores por meio de questionário.

Com a análise dos resultados os autores concluíram que quase 30% dos participantes possuíam oferta de formação que não fomentaram conhecimento satisfatório, positivo. E que, a maioria (55,4%) dos professores participantes já realizou ou está realizando alguma formação continuada em específico conhecimento sobre a Educação Especial. Os que declararam ter realizado formação continuada revelaram que as vivências junto aos alunos com deficiência e a interação com os demais professores durante a formação resultaram em melhor aprendizagem e preparo para atuar diante da diversidade no ambiente escolar.

O estudo de Faria, Harnisch e Borella (2021) demonstra que às vezes, cursos de formação, apesar de trazerem mais conhecimento e evolução ao profissional, não possibilitam uma formação adequada e que possa levar o profissional à uma prática sólida. Por isso, vivências, experiências e interação entre os profissionais podem resultar numa formação mais totalizada.

CONCLUSÃO

A educação inclusiva deve perpassar todas as esferas da sociedade, iniciando pela família, pelas bases escolares e a população de forma geral, a fim de tornar os alunos com TEA cidadãos como todos, respeitando suas limi-

tações e incentivando em suas habilidades. A figura do professor de Educação Física, materializa a importância do educador no desenvolvimento cognitivo da criança e a metodologia ou formas de tratamento devem ser ofertadas para que os portadores de TEA sintam-se acolhidos e inseridos em todas as etapas do processo educacional. A estrutura escolar deve conter todos os aspectos capazes de agregar e facilitar o acesso e locomoção dos alunos especiais a sua dependência.

Nesse contexto, percebe-se que a realidade da inclusão caminha com diversos desafios, a falta de diagnósticos e despreparo por parte dos profissionais, tem sido empecilho recorrente. E que, mesmo com formação continuada sobre a temática envolvida, ainda sim são necessárias trocas de experiências e vivências para uma formação totalizada.

Portanto, não é tarefa fácil incluir crianças com TEA nas aulas de Educação Física, pois existe dificuldade na comunicação, interação social e na assimilação das atividades propostas. Mas, deve-se buscar integração, conhecimento e criatividade para um resultado positivo mediante a inclusão.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao Centro Universitário de Formiga (UNIFOR/MG) pelo conhecimento e apoio bem como aos professores e coordenador do curso de educação física licenciatura.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores do estudo declaram não haver conflito de interesses.

FINANCIAMENTO

Este estudo não recebeu apoio financeiro.

REFERÊNCIAS

BORGES, É. V.; SILVA, A. L. B. A inclusão de alunos com autismo nas aulas de educação física. *Revista Renovare*, União da Vitória, v. 6, n. 2, p. 46-58, 2019. Disponível em: <<http://book.uniguacu.edu.br/index.php/renovare/article/view/50>>.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, DF, 27 dez. 2012. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12764-27-dezembro-2012-774838-publicacaooriginal-138466-pl.html>>.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, 06 julho de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>.

COSTA, B. S.; NAKANDAKARE, E. B.; PAULINO, E. A inserção do autista no meio acadêmico e profissional de tecnologia da informação. *Refas*, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 1-10, 2018. Disponível em: <<http://revistarefas.com.br/index.php/RevFATECZS/article/view/190/157>>.

FARIA, J. R. T.; HARNISCH, G. S.; BORELLA, D. R. Educação física escolar e o aluno com deficiência: a formação continuada em questão. *Caderno de Educação Física e Esporte*, Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 3, p. 117-23, 2021. DOI: <<https://doi.org/10.36453/cefe.2021.n3.27362>>.

FERREIRA, L. N.; LEPPAUS, R. O.; BRAGA, M. C. Limites e possibilidades da inclusão do aluno autista nas aulas de educação física no centro municipal de

educação infantil da Serra – ES. In: XV Congresso Espírito-Santense de Educação Física, 2018, Vitória. *Anais... Vitória*, 2018. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/15Conesef/15Conesef/paper/view/11275>>.

FLAMEA, A. G.; BARETTA, M. O trabalho com alunos autistas nas aulas de educação física. In: Seminário de Iniciação Científica e Seminário Integrado ao papel do professor. *Anais... Joaçaba-SC*, 2018. Disponível em: <<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/siepe/article/view/18669>>.

GONZÁLEZ, O. H.; FONSECA, A. J. P. da; ANTÔNIO, A. A educação e socialização de crianças com Transtorno de Espectro Autista: Uma aproximação ao papel do professor. *Revista Internacional de Apoio a la Inclusión, Logopedia, Sociedad y Multiculturalidad*, Jaén, v. 6, n. 3, p. 124-34, 2020. DOI: <<https://doi.org/10.17561/riai.v6.n3.9>>.

LIMA MIYASHIRO, N. V. de; SALERNO, M. B. Aluno com deficiência visual e autismo: um estudo de caso das interações nas aulas de educação física. *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada*, Marília, v. 22, n. 1, p. 127-42, 2021. DOI: <<https://doi.org/10.36311/2674-8681.2021.v22n1.p127-142>>.

MELLO, L. A. de; FIORINI, M. L. S.; COQUEIRO, D. P. Benefícios da educação física escolar para o desenvolvimento do aluno com transtorno do espectro autista na percepção dos professores. *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada*, Marília, v. 20, n. 1, p. 81-98, 2019. DOI: <<https://doi.org/10.36311/2674-8681.2019.v20n1.08.p81>>.

OLIVEIRA SILVA, L. de; DE SOUZA MONTEIRO, J. R.; LEITE, S. T. Equoterapia e educação física: estudo de caso com praticante autista. *Itinerarius Reflectionis*, Jataí, v. 16, n. 3, p. 1-24, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/ir/article/view/63017>>.

PEDROSA, G. F. S.; DIETZ, K. G. A prática de ensino de arte e educação física no contexto da pandemia da COVID-19. *Boletim de Conjuntura*, Boa Vista, v. 2, n. 6, p. 103-12, 2020. DOI: <<https://doi.org/10.5281/zenodo.3894895>>.

SCHALEMBERGUER, A. S.; SCHALEMBERGUER, J. P.; HOPF, R. C.; SARAIVA, A. C. A.; LOPES, M. A. C. A inclusão do aluno autista nas aulas de educação física: quebrando paradigmas. In: Seminário Internacional de Educação (SIEDUCA). *Anais... Cachoeira do Sul*, v. 2, n. 1, p. 1-5, 2017. Disponível em: <<https://ulbracds.com.br/index.php/sieduca/article/view/1069/157>>.

SCHLIEMANN, A.; ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. Educação física inclusiva e autismo. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 34, n. especial, p. 77-86, 2020. DOI: <<https://doi.org/10.11606/1807-5509202000034nesp077>>.

SILVA NETO, A. de O.; ÁVILA, É. G.; SALE, T. R. R.; AMORIM, S. S.; NUNES, A. K. F.; SANTOS, V. M. Educação inclusiva: uma escola para todos. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 31, n. 60, p. 81-92, 2018. DOI: <<https://doi.org/10.5902/1984686X24091>>.

SILVA, M. V. da. O uso de tecnologias assistivas para inclusão de alunos autistas nas aulas de educação física. In: Congresso Nacional de Educação - Conedu. *Anais... Maceió*, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA10_ID2186_01092020095037.pdf>.

TADEU IAOCHE, R.; COSTA FILHO, R. A. da; MATIAS FERNANDES, M.; PALLA-KANE, A. Potencialidades da aprendizagem observacional para o ensino inclusivo em educação física. *Revista Educação: Teoria e Prática*, Rio Claro, v. 29, n. 61, p. 370-88, 2019. DOI: <<https://doi.org/10.18675/1981-8106.vol29.n61.p370-388>>.

ORCID E E-MAIL DOS AUTORES

Paulo Márcio Montserrat (Autor Correspondente)

 <https://orcid.org/0000-0003-2872-8303>

 paulomarcio@unifor.br

Dayane Resende de Castro

 <https://orcid.org/0000-0002-4891-3584>

 dayanepta2008@hotmail.com

Samantha Silva Leite

 <https://orcid.org/0000-0002-9262-4675>

 samanthas199@outlook.com

Gleuber Henrique Marques-Oliveira

 <https://orcid.org/0000-0002-7612-0311>

 gleuberh@gmail.com